

11 de fevereiro de 1959

Lição XII

11 de Fevereiro de 1959

Eu anunciei, da última vez, que terminaria, dessa vez, o estudo desse sonho que nós particularmente reviramos do ponto de vista de sua interpretação, mas serei obrigado a dedicar a ele mais uma sessão.

Eu lembro, rapidamente que é o sonho de um paciente advogado que tem grandes embarços em sua profissão. E Ella Sharpe se aproxima com prudência, o paciente tendo toda a aparência de se manter à distância, sem que se tratasse, por sinal, de rigidez do seu comportamento. Ella Sharpe não deixou de sublinhar que tudo o que ele conta é do pensamento e não do sentimento. E, no ponto em que estamos da análise, ele fez um sonho notável, que foi uma torção da análise, e que nos é brevemente contado. É um sonho em que o paciente concentra, em poucas palavras, ainda que tenha tido aí, diz ele, “**um sonho enorme**”, tão enorme que se ele lembrasse, não terminaria nunca de contar.

Emerge disso alguma coisa que, até um certo grau, apresenta os caracteres de um sonho repetido, isto é, de um sonho que ele já teve. Isto é, que em algum lugar nessa viagem que ele empreendeu, como diz, “*com sua mulher ao redor do mundo*” (e eu sublinhei isso), num ponto que é na Tchecoslováquia – e é o único ponto sobre o qual Ella Sharpe nos dirá que ela não obteve luzes suficientes por falta de haver interrogado o paciente sobre o que significa a palavra Tchecoslováquia, e ela o lamenta, pois essa Tchecoslováquia, afinal de contas, podemos talvez pensar disso alguma coisa – se passa “*um jogo sexual com uma mulher diante da sua mulher*”¹. A mulher com quem o jogo sexual prossegue é alguém que se apresenta em relação a ele como em uma posição superior. Por outro lado, não aparece, de imediato, no seu dizer, mas nós encontramos em suas associações que se trata, para ela, de manobrar “*to get my penis*”.

Eu assinalei o caráter muito especial do verbo *to get* em inglês. *To get* é “obter”, em todos os modos possíveis do verbo obter. É um verbo muito menos limitado que obter, é obter, apanhar, apreender, em dar cabo. E *to get*, se a mulher consegue “*to get my penis*”, isso quereria dizer que ela o tem.

Mas esse pênis entra tão pouco em ação que o sujeito nos diz que o sonho termina sobre esse voto que, diante do desapontamento da mulher, ele pensava que ela deveria se masturbar. E eu lhes expliquei que aquilo de que se trata, evidentemente, aí é o sentido chave, o sentido secreto do sonho. No sonho isso se manifesta pelo fato de que o sujeito diz: “*Eu gostaria de masturbá-la*”². De fato, há uma verdadeira exploração de alguma coisa que é interpretado, com muita insistência e cuidado, na observação de Ella Sharpe, como sendo o equivalente do capuz.

Quando olhamos de perto, esse algo merece reter nossa atenção. É alguma coisa que mostra que o órgão feminino está aí como uma espécie de vagina revirada ou prolapsada. Trata-se de vagina, não de capuz. E tudo prossegue como se esta pseudo-masturbação do sujeito não fosse outra coisa que uma espécie de verificação da ausência do falo.

¹ “*I was having a sexual play with a woman in front of na other woman*”.

² “*I thought that I would masturbate her*”.

11 de fevereiro de 1959

Eis em que sentido eu disse que a estrutura imaginária, a articulação manifesta do [fantasma] devia ao menos nos obrigar a limitar o caráter do significante. E eu coloco, em suma, a questão de saber se por um método mais prudente, podendo ser considerado como mais estrito, nós não podemos chegar a uma precisão maior na interpretação, à condição de que, os elementos estruturais com os quais nós aqui tomamos o partido de nos familiarizarmos sejam suficientemente postos em linha de conta para permitir justamente diferenciar o que é o sentido desse caso.

E nós vamos ver que ao fazê-lo, vemos que, como de costume, os casos mais particulares são os casos cujo valor é o mais universal e que o que nos mostra essa observação é alguma coisa que não deve ser negligenciada; pois se trata de nada menos que precisar, nessa ocasião, o caráter significante sem o qual não se pode dar sua verdadeira posição à função do falo, (que permanece ao mesmo tempo sempre tão importante, tão imediata, tão entrecruzada na interpretação analítica) sem que, a todo instante, nos encontremos, a propósito de seu manuseio nos impasses cujo ponto mais marcante é *traduzido-traído* pela teoria de senhora Mélanie Klein, sobre a qual sabemos que faz do objeto falo o mais importante dos objetos.

O objeto falo se introduz na teoria kleiniana, e em sua interpretação da experiência, como alguma coisa, diz ela, que é o substituto, o primeiro substituto que vem à experiência da criança, quer se trate da menininha ou do menino, como sendo um sinal mais cômodo, mais manuseável, mais satisfatório. É algo para provocar questões sobre o papel, o mecanismo... Como devemos conceder essa saída de um fantasma totalmente primordial, como sendo esse retorno do que já vai se ordenar, esse conflito muito profundamente agressivo, que põe o sujeito numa certa relação com o continente do corpo da mãe? Enquanto que do continente ele cobiça, ele deseja (todos os termos são empregados, infelizmente sempre com dificuldade: isto é, justapostos), ele quer arrancar esses bons e esses maus objetos que estão aí, num tipo de primitiva mistura no interior do corpo da mãe.

E, por que no interior do corpo, o privilégio concordado a esse objeto falo? Seguramente, se tudo isso nos é trazido com a grande autoridade, o estilo de descrição tão marcado numa espécie de ofuscamento, pelo caráter determinado dos estilos, eu diria, quase não aberto a nenhuma discussão dos enunciados kleinianos, não se pode deixar também de se retomar, depois de haver ouvido atestar algum e a cada instante se perguntar: o que é que ela visa?

Será que é a criança, de fato, que traz o testemunho dessa prevalência do objeto falo, ou bem ao contrário, é ela mesma que nos dá o signo do caráter [...] como sendo o sentido do falo? E, devo dizer, que em numerosos casos não somos esclarecidos sobre a escolha que deve se fazer quanto à interpretação. De fato, eu sei que alguns dentre vocês se perguntam onde deve se colocar o signo do falo nos diferentes elementos do grafo, em torno do qual tentamos orientar a experiência do desejo de sua interpretação. E eu obtive alguns ecos da forma que pôde tomar, para alguns, a questão: Qual é a relação desse falo com o Outro, o grande Outro, do qual falamos como do lugar da palavra?

Há uma relação entre o falo e o grande Outro, mas não é certamente uma relação além, no sentido em que o falo seria o ser do grande Outro, se é que alguém coloca a questão nesses termos. Se o falo tem uma relação com alguma coisa, é mais com o ser do sujeito. Pois eu creio que aí está o ponto novo, importante, que tento fazer-lhes apreender na introdução do sujeito nessa dialética que é a que se mantém no desenvolvimento inconsciente das

11 de fevereiro de 1959

diversas etapas da identificação, através da relação primitiva com a mãe, seguida pela entrada do jogo do Édipo e do jogo da lei.

O que aí acentuei é alguma coisa que é, ao mesmo tempo, muito sensível nas observações – muito especialmente a propósito da gênese das perversões – e que é, freqüentemente, velado naquilo [que está] em relação com o significante falo. É que há duas coisas muito diferentes, conforme se trata, para o sujeito, estar o falo em relação ao Outro, ou [então] por algumas vias, móveis ou mecanismos que são aqueles que vamos, justamente, retomar no decorrer da evolução do sujeito, mas que já estão aí essas relações, instaladas no Outro, na mãe; precisamente a mãe tem uma certa relação com o falo, e é nessa relação com o falo que o sujeito tem de se fazer valer, de entrar em concorrência com o falo. É daí que nós partimos há dois anos, quando comecei de revisar essa relação.

Aquilo de que se trata, da função do significante falo em relação ao sujeito, a oposição dessas duas possibilidades do sujeito em relação ao significante falo, de sê-lo ou de tê-lo, está aí alguma coisa que é uma distinção essencial. Essencial na medida em que as incidências não são as mesmas, que não é ao mesmo tempo da relação de identificação que o ser e o ter aparecem, que há entre os dois uma verdadeira linha de demarcação, uma linha de discernimento, que não se pode sê-lo e tê-lo, e para que o sujeito venha, em certas condições, a tê-lo, é preciso que da mesma maneira haja a renúncia a sê-lo.

As coisas de fato são muito menos simples de formular se procuramos aproximar, ao máximo possível, a dialética daquilo de que se trata. Se o falo tem uma relação com o ser do sujeito, não é com o ser do sujeito, puro e simples, não é em relação a esse sujeito pretendo sujeito-do-conhecimento, suporte noético de todos os objetos, mas é com um sujeito falante, com um sujeito na medida em que assume sua identidade, e, como tal, eu diria (é por isso que o falo desempenha sua função essencialmente significante) que o sujeito, ao mesmo tempo, o é e não o é.

Eu me desculpo pelo caráter algébrico que tomarão as coisas, mas é preciso que aprendamos a fixar as idéias, já que, para alguns, as questões se apresentam. Se, na notação, alguma coisa se apresenta, e nós vamos aí voltar daqui a pouco, como sendo o sujeito barrado face ao objeto, [$\$ \langle \rangle a$], isto é, o sujeito do desejo, o sujeito na medida em que na sua relação ao objeto, é, ele mesmo, profundamente posto em questão e que é isso que constitui a especificidade da relação do desejo no próprio sujeito. É na medida em que o sujeito é, na nossa notação, o sujeito barrado, que podemos dizer que é possível, em certas condições, lhe dar como significante o falo. Isso na medida em que ele é o sujeito falante.

Ele é e não é o falo. Ele o é porque é o significante sob o qual a linguagem o designa, e ele não o é na medida em que a linguagem, e justamente a lei da linguagem, sobre um outro plano, lhe subtrai [*dérobé*] isso. De fato, as coisas não acontecem aí sobre o mesmo plano. Se a lei lho subtrai, é precisamente para arranjar as coisas, é que uma certa escolha naquele momento, é feita. A lei, afinal de contas, traz na situação uma definição, uma repartição, uma mudança de plano. A lei lhe lembra que ele o tem ou não o tem. Mas, de fato, o que se passa é alguma coisa que joga inteiramente no intervalo entre essa identificação significante e essa repartição dos papéis. O sujeito é o falo, mas o sujeito, evidentemente, não é o falo.

Eu vou acentuar alguma coisa que a própria forma do jogo da negação na língua permitirá apreender numa fórmula onde se passa o deslizamento concernente ao uso do verbo ser [*être*]. Podemos dizer que o momento decisivo, aquele em torno do qual gira a assunção da castração é isso: sim, podemos dizer que ele é e não é o falo, mas ele não é sem tê-lo.

11 de fevereiro de 1959

É nesta inflexão de “não ser sem” [“*n’être pas sans*”], é em torno desta assunção subjetiva que se inflete entre o ser e o ter que joga a realidade da castração. Isto é, que é na medida em que o falo, que o pênis do sujeito numa certa experiência é alguma coisa que foi comparada, que tomou uma certa função de equivalente ou de aferidor na relação ao objeto, que ele toma o seu valor central e que, até um certo ponto, podemos dizer que está em proporção de uma certa renúncia à sua relação ao falo, que o sujeito entra em posseção desse tipo de infinidade, de pluralidade, de totalização [*omnitudo*] do mundo dos objetos que caracteriza o mundo do homem.

Notem bem que essa fórmula, da qual lhes peço guardar a modulação, o acento, se encontra, sob outras formas, em todas as línguas. “Ele não é sem tê-lo” tem seu correspondente que, é claro, voltaremos a isso mais adiante.

A relação da mulher ao falo e a função essencial da fase fálica no desenvolvimento da sexualidade feminina se articulam, literalmente, sob a forma diferente, oposta, que basta para distinguir essa diferença de pontos de partida do sujeito masculino e do sujeito feminino em relação à sexualidade.

A única fórmula exata, a que permite sair dos impasses, das contradições, das ambigüidades em torno das quais giramos, que dizem respeito à sexualidade feminina é que “ela é sem tê-lo”. A relação do sujeito feminino com o falo é a de “ser sem tê-lo”. E é isso que lhe dá a transcendência de sua posição – pois é nisso que chegaremos. Nós chegaremos a articular, no que diz respeito à sexualidade feminina, essa relação tão particular, tão permanente, a qual Freud insistiu sobre o seu caráter irreduzível e que se traduz, psicologicamente, sob a forma do *Penisneid*.

Em suma, diremos, para impelir as coisas ao extremo e bem fazê-las entender, que para o homem seu pênis lhe é restituído por um certo ato, o qual, no limite, poderíamos dizer que ele o priva. Não é exato, é para lhes fazer abrir os ouvidos, isto é, que aqueles que já ouviram a fórmula precedente, não a degradem no segundo acento que lhe dou. Mas esse acento segundo tem sua importância, porque é aí que se faz a junção com o elemento primeiramente desenvolvimental de onde se parte habitualmente, e que é aquele que vou tentar revisar agora com vocês nos perguntando como podemos formular, com elementos algébricos, os quais nós utilizamos, aquilo de que se trata nessas famosas primeiras relações da criança com o objeto, com o objeto materno nomeadamente; e como, a partir daí, podemos conceber que venha se fazer a junção com esse significante privilegiado de que se trata, do qual tento aqui situar a função.

A criança, no que é articulado pelos psiquiatras, nomeadamente a Senhora Mélanie Klein, tem toda uma série de relações primeiras que se estabelecem com o corpo da mãe, concebido aqui, representado numa experiência primitiva que assenhoreamo-nos mal, segundo os relatos kleinianos: a relação do símbolo e da imagem. E, cada qual sabe bem que é disso de que se trata nos textos kleinianos, da relação da forma com o símbolo – ainda que, aqui, isso seja sempre promovido a um conteúdo imaginário.

Seja como for, podemos dizer que até um certo ponto, alguma coisa que é símbolo ou imagem, mas que, seguramente, é uma espécie de Um (nós quase encontramos aí uma oposição que recobre as oposições filosóficas porque [é] o que faz sempre o jogo do famoso *Parmênides* entre o Um e o ser), nós podemos dizer que a experiência da relação com a mãe é uma experiência inteiramente centrada em torno de uma apreensão da unidade ou da totalidade. Todo o progresso primitivo que Mélanie Klein nos articula como

11 de fevereiro de 1959

sendo essencial ao desenvolvimento da criança é aquele de uma relação do despedaçamento com alguma coisa que representa fora dele, ao mesmo tempo, o conjunto de todos esses objetos despedaçados, fragmentados, que parecem estar aí numa espécie não de caos, mas de desordem primitiva, e por outro lado, progressivamente, lhe ensinará a aprender, dessas relações, desses objetos diversos, dessa pluralidade, numa unidade de objeto privilegiado, que é o objeto materno, de apreender a aspiração, o progresso, a via na direção de sua própria unidade. A criança, eu repito, apreende os objetos primordiais como estando contidos no corpo da mãe, esse continente universal que se apresenta para ele e que seria o lugar ideal, se assim podemos dizer, de suas primeiras relações imaginárias.

Como podemos tentar articular isso? Há, evidentemente, aí, não dois termos, mas quatro termos. A relação da criança ao corpo da mãe, tão primordial, é o quadro onde vem se inscrever essas relações da criança com seu próprio corpo, que são aquelas que desde há muito tempo tentei articular para vocês em torno da noção de afeto especular – na medida em que está aí o termo que dá a estrutura daquilo que chamamos afeição narcísica. É na medida em que, a partir de um certo momento, o sujeito se reconhece numa experiência original como separado de sua própria imagem, como tendo uma certa relação eletiva com a imagem de seu próprio corpo, relação especular que lhe é dada seja na experiência especular como tal, seja numa certa relação de castração transitiva nos jogos com o outro de uma idade próxima, muito próxima, e que oscila num certo limite que não deve ser ultrapassado por maturação motora – não é com qualquer espécie de pequeno outro (aqui a palavra pequeno visando o fato de que trata-se de pequenos camaradas), que o sujeito pode fazer essa experiência, esses jogos de imponentia com o outro companheiro. A idade desempenha aqui um papel sobre o qual, no decorrer do tempo, insisti.

A relação disso com um Eros, a libido, desempenha um papel especial. Está aqui articulada toda a medida em que o par da criança com o outro, que lhe representa a sua própria imagem, vem se justapor, interferir, se pôr na dependência de uma relação mais ampla e mais obscura, entre a criança, nas suas tentativas primitivas – as tendências extraídas de sua necessidade – e o corpo da mãe na medida em que ele é, efetivamente, de fato, o objeto da imagem, a identificação primitiva. E o que se passa, o que se estabelece, jaz, inteirinho, no fato de que o que se passa no par primitivo, isto é, a forma inconstituída na qual se apresenta o primeiro choramingar da criança, o grito, o apelo de sua necessidade, a forma como se estabelecem as relações desse estado primitivo, ainda inconstituído do sujeito em relação a alguma coisa que se apresenta então como um Um ao nível do Outro, a saber, o corpo materno, o continente universal, é aquilo que vai regular de modo perfeitamente primitivo a relação do sujeito na medida em que se constitui de um modo especular, a saber, como eu $[m\alpha]$ – e o eu $[m\alpha]$ é a imagem do outro – com um certo outro que deve ser diferente da mãe (na relação especular, é o pequeno outro).

Mas, vocês vão vê-lo, é de outra coisa completamente diferente o de que se trata, levando em conta que é nessa primeira relação quadripartite que vão se fazer as primeiras adequações do sujeito à sua própria identidade. Não se esqueçam de que é nesse momento, nessa relação mais radical, que todos os autores se põem em comum acordo, situam o lugar das anomalias psicóticas ou para-psicóticas daquilo que podemos chamar integração de tal ou tal termo nas relações auto-eróticas do sujeito com ele mesmo nas fronteiras da imagem do corpo.

O pequeno esquema que eu utilizei outrora e que lembrei recentemente, é aquele do famoso espelho côncavo, na medida em que ele permite conceber que possa se produzir – à condição de que nos coloquemos num ponto favorável determinado, quero dizer, no

11 de fevereiro de 1959

interior de alguma coisa que prolonga os limites do espelho côncavo a partir do momento em que fazemo-los passar pelo centro do espelho esférico – alguma coisa que é imajada pela experiência que fiz conhecer no seu tempo, aquela que provoca a aparição, que não é um fantasma, mas uma imagem real que pode se produzir em certas condições que não são muito difíceis de produzir, aquela que se produz quando fazemos surgir uma imagem real de uma flor no interior de um vaso perfeitamente existente graças à presença desse espelho esférico, desde que se olhe o conjunto do aparelho a partir de um certo ponto ³.

É um aparelho que nos permite imaginar aquilo de que se trata, a saber, que é na medida em que a criança se identifica a uma certa posição do seu ser nos poderes da mãe, que ele se realiza. É bem isso que porta o acento de tudo o que dissemos no que diz respeito à importância das primeiras relações concernentes à mãe. É na medida em que é de um modo satisfatório que ela se integra nesse mundo de insígnias que representam todos os comportamentos da mãe. É a partir daí, na medida em que irá aqui se situar de um modo favorável, que poderá se colocar, seja no interior dela mesma, seja fora dela mesma, seja lhe faltando, se assim podemos dizer, essa alguma coisa que está, para ela mesma, ocultada: a saber, suas próprias tendências, seus próprios desejos, que ela poderá, desde a primeira relação, estar em uma relação mais ou menos falseada, desviada, com suas próprias pulsões. Não é tão complicado imaginar isso. Lembrem-se em torno do que eu fiz girar a explicação narcísica: uma experiência manifesta, crucial, desde há muito tempo descrita, o famoso exemplo citado adiante, nas confissões de Santo Agostinho, aquele da criança que vê seu irmão de leite em posse do seio materno: “*vidi ego et expertus sum zelantem parvulum nondum loquebatur et intuebatur pallidus amaro aspectu conlactantium suum*”⁴, que eu traduzi por: “Eu vi com os meus olhos, e conheci bem, um pequenino vítima da inveja. Ele ainda não falava e já contemplava tudo com um olhar amargo (*amaro* tem um acento diferente do que em francês “amargo”, poderíamos traduzir por “envenenado”, mas isso também não me satisfaz) seu irmão de leite”⁵.

Essa experiência, uma vez formalizada, vocês vão vê-la aparecer em todo seu alcance absolutamente geral. Essa experiência é a relação de sua própria imagem que, na medida em que o sujeito vê seu semelhante numa certa relação com a mãe como primitiva identificação ideal, como primeira forma do Um, dessa totalidade, a qual após explorações que dizem respeito a essa experiência primitiva, os analistas fazem um caso tal que só se fala de totalidade, de noção de tomada de consciência da totalidade, como se conduzidos por essa vertente, nos puséssemos a esquecer, do modo mais tenaz que, justamente, o que a experiência nos mostra é perseguido até o mais extremo de tudo aquilo que vemos nos fenômenos: é que, justamente, não há no ser humano nenhuma possibilidade de acessar essa experiência da totalidade, que o ser humano é dividido, dilacerado, e que nenhuma análise lhe restitui essa totalidade. Porque, precisamente outra coisa está introduzida na sua dialética, que é justamente aquela que tentamos articular, porque ela nos é, literalmente, imposta pela experiência, e, em primeiro lugar, pelo fato de que o ser humano, em todo

³ LACAN, J., *Os escritos técnicos de Freud*, op. cit.; Id., *Le stade du miroir comme formateur de la fonction du Je* in *Écrits*, 1966, Seuil.

⁴ SAINT AUGUSTIN, *Obras, Dial e seu obra, Les Confessions*, Livres I à VII, 13, 2e. série. Paris 1992, *Études augustiniennes* I, VII, II, 9, 5. P. 292.

⁵ “J’ai vu de mès yeux et bien connu un tout petit en proie à la jalousie. Il ne parlait pas encore et déjà il contemplait tout d’un regard amer (*amaro* a un autre accent qu’en français “amer”, on pourrait traduire par “empoisonné” mais cela ne me satisfait pas non plus) son frère de lait”.

11 de fevereiro de 1959

estado de causa, só pode se considerar nada mais, no último termo, do que como um ser em quem falta alguma coisa, um ser, quer seja macho ou fêmea, castrado. É por isso que é à dialética do ser, no interior dessa experiência do Um, que se refere essencialmente o falo. Mas, aqui temos, portanto, essa imagem do pequeno outro, essa imagem do semelhante numa relação com essa totalidade que o sujeito acabou assumindo, não sem lentidão. Mas, é bem em torno disso que Mélanie Klein faz pivotar a evolução na criança. É o momento dito da “fase depressiva” que é o momento crucial, quando a mãe como totalidade foi em, um momento, realizada. É dessa primeira identificação ideal o de que se trata.

E o que é que nós temos frente a isso? Nós temos a tomada de consciência do objeto desejado enquanto tal, a saber, que o outro está possuindo o seio materno. E ele toma esse valor eletivo que faz dessa experiência uma experiência crucial, em torno da qual eu lhes peço se deterem, como sendo essencial para nossa formalização, na medida em que nessa relação com esse objeto que, no caso, se chama o seio materno, o sujeito toma consciência de si mesmo como privado – contrariamente ao que está articulado em Jones: toda privação, diz ele em algum lugar (e é sempre em torno da discussão da fase fálica que isso é formulado), engendra o sentimento da frustração; é exatamente ao contrário! É na medida em que o sujeito é imaginariamente frustrado, quando tem a primeira experiência de alguma coisa que está diante dele, no seu lugar, que usurpa seu lugar, que está nessa relação com a mãe que deveria ser a sua e quando ele sente esse intervalo imaginário como frustração (eu digo imaginário porque, afinal de contas, nada prova que ele próprio seja privado, um outro pode ser privado, ou podemos cuidar dele por sua vez), que nasce a primeira apreensão do objeto na medida em que o sujeito é privado dele.

É aí que se inicia, que se abre algo que vai permitir a esse objeto entrar numa certa relação com um sujeito – o qual, aqui, não sabemos de fato se é um S ao qual é preciso que coloquemos o índice pequeno *i*, uma espécie de auto-destruição passional absolutamente aderente a essa palidez, a essa decomposição que nos mostra aqui o pincel literário daquele a quem o debitamos, a saber, Santo Agostinho – ou se é alguma coisa que já podemos conceber como, propriamente falando, uma apreensão da ordem simbólica, ou seja, o que é que isso quer dizer, a saber, que já nessa experiência o objeto seja simbolizado, de uma certa maneira tome valor significante, que já o objeto de que se trata, isto é, o seio da mãe, não somente possa ser concebido como estando ou não estando aí, mas possa ser posto na relação com alguma outra coisa que possa lhe ser substituído. É a partir disto que isso se torna um elemento significante.

Em todo caso Mélanie Klein, sem saber o alcance do que diz naquele momento, toma corretamente esse partido, dizendo que pode haver aí alguma coisa melhor, a saber, o falo. Mas ela não nos explica porque, aí está o ponto que permanece misterioso. Ora, tudo se apoia sobre esse momento em que nasce a atividade de uma metáfora que lhes aponteí como sendo tão essencial para revelar o desenvolvimento da criança. Lembrem-se, aquilo que lhes disse noutra dia, dessas formas particulares da atividade da criança, diante das quais os adultos estão ao mesmo tempo tão desconcertados e desajeitados; daquela da criança que, não contente de ter-se posto a chamar o “uau, uau”, isto é, por um significante que lhe invocou como tal, aquilo que vocês se obstinaram a lhe chamar um cachorro, se põe a decretar que o cachorro faz “miau” e o gato faz “uau, uau”. É nessa atividade de substituição que jaz todo o papel, o móbil do progresso simbólico. E é muito mais primitivamente, evidentemente, que a criança articula.

Aquilo de que se trata, é, em todo caso, de alguma coisa que ultrapassa essa experiência passional da criança que se sente frustrada, isto é, aquela precisamente que nós podemos

11 de fevereiro de 1959

formalizar nisso, que essa imagem do outro vai poder ser substituída ao sujeito na sua paixão aniquilante, na sua paixão ciumenta no caso, e se encontrar numa certa relação com o objeto na medida em que ele está numa certa relação também com a totalidade que pode ou não lhe concernir. Mas é na medida em que o objeto é substituível a essa totalidade, na medida em que a imagem do outro é substituível ao sujeito, que nós entramos na, propriamente falando, atividade simbólica, naquela que faz do ser humano um ser falante, o que vai definir toda sua relação ulterior com nosso objeto.

$$\frac{i(a)}{\$} \quad \diamond \frac{a}{I}$$

Dito isto, no caso, o de que nos ocupamos, como distinções tão fundamentais, a ficar no seu caráter tão primitivo, podem elas nos servir para nos orientar? Eu quero dizer, a criar discriminações que nos permitem justamente tirar o máximo de proveito desses fatos que nos são dados na experiência do sonho e do sujeito particular, cujo caso nós analisamos.

Vejamos se esta relação ao desejo, essa relação chamada desejo, essa relação ao objeto na medida em que é relação de desejo humano, nós devemos, a cada instante, nos propor estreitá-la, e se é sempre exigível que aí encontremos essa relação com um objeto, na medida em que o sujeito aí se certifica como, no limite, aniquilado. Se esse \$ em relação a **a**, que é a fórmula do desejo, e se tudo isso se inscreve nessa relação quádrupla que faz com que o sujeito, na imagem do outro, $i(a)$ – a saber, nas sucessivas identificações que vão se chamar eu [*m*] – encontra a se substituir uma forma para essa alguma coisa de fundamentalmente “pálida” [*pallidè*], fundamentalmente angustiado, que é a relação do sujeito no desejo, o que é que nós encontramos nos diferentes elementos sintomáticos que nos são trazidos aqui nessa observação?

Nós podemos pegá-lo pelas extremidades, esse material que nos é trazido pelo doente. Peguemo-lo na medida do possível, nas extremidades que têm o maior relevo, nas extremidades sintomáticas. Há um momento em que ele nos diz que cortou as tiras, as correias das sandálias de sua irmã. Isso vem no decorrer da análise do sonho, isto é, depois de um certo número de intervenções, sem dúvida, mínimas, mas nem por isso nulas, de Ella Sharpe, a analista. Simples relances fizeram chegar pouco a pouco, do fio à agulha, isto é, em cadeia, depois do capuz (o fato de que o capuz tenha a forma do órgão genital feminino nessa relação que é a do sonho), depois a capota do carro, as tiras que servem para fixar e amarrar essa capota, depois das tiras que ele cortou, num certo momento, nas sandálias de sua irmã, sem poder ainda, agora, se dar conta do objetivo que, sem dúvida alguma, ele perseguia, que lhe parecia bem útil, sem que ele possa bem, seja como for, mostrar a necessidade disso.

Isso são muito exatamente os mesmos termos que ele utiliza concernente ao seu próprio carro, numa sessão posterior, depois da sessão de interpretação do sonho, ele diz ao analista que esse carro que o mecânico não lhe devolveu – e que ele não pensa em fazer um alarde com este excelente homem – do qual ele não tem nenhuma necessidade, ele o quer muito, mesmo que não lhe seja necessário. Ele diz que ele “**gosta disso**”.

Eis duas formas, parece, do objeto com o qual o sujeito tem evidentemente uma relação da qual ele mesmo articula o caráter singular, a saber, que isso não responde, nos dois casos, a nenhuma necessidade. Não somos nós que o dizemos, nós não dizemos “o homem moderno não tem nenhuma necessidade de seu carro”, ainda que cada qual, olhando isso de mais perto percebe que é evidente demais. Aqui é o sujeito que o diz: “**Eu não preciso**”

11 de fevereiro de 1959

do meu carro, somente eu gosto disso, eu o desejo”. E, como vocês o sabem, é nisso que Ella Sharpe, apanhada no movimento do caçador diante da caça, o objeto da pesquisa, nos diz que interveio com a última energia, sem nos dizer, coisa curiosa, em que termos ela o fez.

Começamos a descrever um pouco essas coisas de que se trata. E já que eu quis partir do que é mais simples, o mais referenciável numa equação antiga:

$$\frac{\text{Sua irmã}}{\$} \quad \diamond \quad \frac{\text{As tiras}}{X}$$

as correias ou as tiras, é o *a*. Há um momento em que ele faz coleção dessas tiras. Obriguemo-nos a seguir um pouco nossas próprias fórmulas já que, se nós as colocamos, é que elas devem nos servir para algo. A imagem de *a*, *i(a)*, fica claro que aqui é sua irmã, da qual não falamos muito, pois não temos dúvidas do quanto é complexo revirar a menor coisa quando se trata de explicar aquilo com que lidamos. Sua irmã é sua primogênita, ela tem oito anos a mais do que ele. Isso nós sabemos, está na observação. Ela não faz muito uso disso, que tenha oito anos a mais do que ele, mas o que é certo é que se ela tem oito anos a mais do que ele, tinha onze anos quando ele, o sujeito, tinha três, no momento em que perdeu seu pai.

Um certo gosto pelo significativo tem a vantagem de nos levar a fazer, de vez em quando, aritmética. Não é alguma coisa abusiva, pois não é absolutamente duvidoso que, na idade mais jovem, as crianças não cessam de fazer sobre sua idade e sua relação de idade. De nossa parte, graças a Deus!, nos esquecemos que passamos dos cinquenta, temos razões para isso, mas as crianças fazem muita questão de saber sua idade. E, quando fazemos esse pequeno cálculo, percebemos uma coisa que é marcante, que o sujeito nos diga que ele só começa a ter lembranças a partir de oito ou onze anos. Isso está na observação. Não tiramos disso grande proveito, mas não é simplesmente uma espécie de achado ao acaso que lhes dou aí, porque se vocês lêem agora a observação, verão que isso vai muito mais além. Isto é, que é no momento mesmo em que isso é levado ao nosso conhecimento pelo sujeito (eu quero dizer que ele tinha uma má memória para tudo o que está abaixo dos onze anos), que ele fala, de imediato, depois, de sua *girl friend*, que é craque, uma moça muito bacana no que diz respeito às *representações* [*impersonations*], isto é, para imitar cada um, e particularmente os homens, de modo espantoso, já que ela é utilizada na B.B.C.

É marcante que ele fale disso imediatamente no momento em que ele fala de alguma coisa que parece de um outro registro, a saber, que antes dos onze anos é o buraco negro. Deve-se crer que não está sem relação com uma certa relação de alienação imaginária dele mesmo nesse personagem sororal. *I(a)* é bem sua irmã, e isso pode nos explicar muitas coisas, inclusive que ele fará em seguida a elisão concernente à existência na sua família de *pram* “carro de criança”. Sobre esse plano, é o passado, é o *affaire* de sua irmã. Enfim, há um momento onde essa irmã, ele a alcançou, se assim podemos dizer, isto é, ele veio a encontrá-la no mesmo ponto onde ele a havia deixado, em torno de um evento que é crucial. Tem razão, Ella Sharpe, de dizer que a morte do pai é crucial. A morte do pai a deixou confrontada com todos os tipos de elementos – menos um que lhe teria provavelmente sido muito precioso para ultrapassar as diversas captações de que vai se tratar.

Aqui, de qualquer forma, é o ponto que evidentemente vai nos ser um pouco misterioso, pois o próprio sujeito o sublinha: Por que essas tiras? Ele não sabe nada. Graças a Deus!,

11 de fevereiro de 1959

nós somos analistas e adivinhamos bem que é o que está aí ao nível do $\$$. Eu quero dizer que é exigível que façamos uma pequena idéia do que está aí, porque conhecemos outras observações; é algo que tem evidentemente relação com, não a castração – se fosse a castração bem assimilada, bem gravada, assumida pelo sujeito, não teria tido este pequeno sintoma transitório – mas, naquele momento, é, no entanto, bem em torno da castração que isso girava, mas que nós não temos o direito, até nova ordem, de extrapolar, e que é aqui **I**, a saber, aquilo que tem relação com alguma coisa que até nova ordem, podemos bem nos permitir suspender um pouco nas nossas conclusões. Se nós estamos em análise, é justamente para tentar compreender um pouco, e entender em que ponto está: a saber, o que é que o grande **I** do sujeito, seu ideal, essa identificação extremamente particular, na qual já indiquei, da última vez, que convinha parar por aí. Nós vamos ver como podemos precisá-lo numa relação que ele tem em relação à primeira, alguma coisa de mais evolutivo. Deve ser alguma coisa que se refere à situação atual na análise, e que diz respeito às relações com o analista.

Pois bem, recomecemos a nos colocar as questões que dizem respeito ao ponto em que se encontram atualmente. Haveria muitas maneiras de se apresentar esse problema, pois nessa ocasião podemos dizer que todos os caminhos levam a Roma! Podemos partir do sonho e dessa massa de coisas que o sujeito traz como material em reação às interpretações que o analista faz disso. Nós estamos de acordo com o sujeito que o essencial é o carro, o carro e as tiras – isso não é, evidentemente, a mesma coisa, houve alguma coisa que evoluiu no intervalo. O sujeito tomou posições, ele mesmo fez reflexões concernentes a esse carro, e reflexões que não ficam sem portar traços de alguma ironia: “**é engraçado que falemos disso como de alguma coisa viva**”. Nisso eu não tenho que insistir, sentimos, eu já fiz notar da última vez que o caráter evidentemente simbólico do carro tem sua importância. É certo que ao longo de sua existência o sujeito encontrou nesse carro um objeto mais satisfatório, parece, do que as tiras. Pela simples razão que as tiras, ele não entende nada disso atualmente, enquanto é, no entanto, capaz de dizer que evidentemente o carro não serve tanto para satisfazer uma necessidade, mas que ele faz questão dele! E depois joga com isso, ele é mestre, ele está bem no interior de seu carro.

O que é que nós vamos encontrar aqui ao nível da imagem? No nível da imagem de a , $i(a)$, encontramos coisas que são, evidentemente, diferentes segundo tomamos as coisas no nível do fantasma e do sonho, ou ao nível daquilo que podemos chamar os fantasmas do sonho e do sonho acordado.

No sonho acordado, que tem bem o seu preço também, nós sabemos o que é a imagem do outro; é alguma coisa perante a qual ele tomou atitudes bem particulares. A imagem do outro é este casal de amantes que, sob pretexto de não incomodar, notem isso, ele nunca deixa de incomodar da maneira mais efetiva, isto é, de notificar, de separar. A imagem do outro é esse outro do qual todo mundo dirá – lembrem-se desse fantasma bastante picante que ele diz ter tido ainda não há muito tempo – oh! não precisa verificar o que há nessa sala, “**é só um cachorro**”⁶. Em suma, a imagem do outro é alguma coisa que deixa, em todo caso, pouco lugar à conjunção sexual, que exige a separação ou, ao contrário, alguma coisa que está verdadeiramente fora do jogo, um falo animal, um falo, ele, que está totalmente posto fora dos limites do jogo. Se há um falo, é um falo de cachorro.

⁶ “[...] *A phantasy I had of being in a room where I ought not to be, and thinking someone might think I was there, and then I thought to prevent anyone from coming and finding me there I would bark like a dog. That would disguise my presence. The “someone” would then say, “Oh, it’s only a dog in there”.*

11 de fevereiro de 1959

Esta situação, como vocês vêem, parece ter progredido no sentido da desintegração. Isto é, se durante muito tempo o sujeito foi alguém que tomou o seu suporte numa identificação feminina, constatamos que sua relação com as possibilidades de conjunção, o fato de abraçar, da satisfação genital, se apresenta de um modo que, em todo caso, deixa hiante, aberto, o problema do que faz o falo aí. E é muito certo, em todo caso, que o sujeito não está à vontade. A questão do duplo ou simples está aí, se é duplo é separado, se é simples não é humano. De qualquer forma isso não se arranja muito bem. E quanto ao sujeito nessa ocasião, há uma coisa perfeitamente clara. Nós não temos que nos perguntar, como no outro caso, o que ele é e onde ele está. Fica claro, não há mais ninguém, é realmente o ουτιξ (*autis*), sobre o qual fizemos referência em outras circunstâncias.

Que isso seja o sonho, quando a mulher faz de tudo para “*to get my penis*”, onde, literalmente, não há nada de fato – faremos tudo o que quisermos com a mão, ou até mesmo mostrar que não há nada nas mangas, mas quanto a ele, ninguém! E quanto ao que é seu fantasma, é, a saber: o que é que há nesse lugar onde ele não deve estar? Não há de fato ninguém. Não há ninguém porque se há um falo é o falo de um cachorro que se masturbava em um lugar onde ele teria ficado muito sem graça se alguém entrasse – em todo caso, não ele!

E aqui, o que é que tem ao nível de **I**? Podemos dizer, estamos certos que há a senhora Ella Sharpe, e que Ella Sharpe não está fora da relação com isso tudo. A senhora Ella Sharpe, avisamo-la antecipadamente com “uma pequena tosse”, para inverter a fórmula, não pôr o seu dedo, ela também não, entre a arvore e a casca. Isto é, se ela está operando sobre ela mesma de um modo mais ou menos suspeito, ela tem que guardar isso antes que o sujeito chegue. É preciso, para dizer tudo, que a senhora Ella Sharpe esteja perfeitamente fora do alcance dos golpes do sujeito. É o que eu chamei da última vez, me referindo às próprias comparações da senhora Ella Sharpe, que considera a análise como um jogo de xadrez, que o sujeito não quer perder a sua dama. Ele não quer perder sua dama porque, sem dúvida alguma, sua dama é a chave disso tudo, tudo isso só pode permanecer em pé, porque é do lado da dama que nada deve ser mudado, porque é do lado da dama que está toda a potência. A coisa estranha é que essa idéia de toda potência, Ella Sharpe a fareja e a reconhece em todo lugar. A ponto de dizer ao sujeito que ele se acha todo poderoso sob o pretexto de que ele fez “**um sonho enorme**” por exemplo, enquanto não é capaz de dizer mais que esse pedacinho de aventura que se passa numa estrada da Tchecoslováquia. Mas não é o sujeito que é todo poderoso. O que é todo poderoso é o Outro, e é bem por isto que a situação é mais especialmente temerosa!

Não nos esqueçamos, no entanto, que é um sujeito que não pode chegar a pleitear, ele não pode, e é portanto algo muito marcante. A chave da questão é essa, será verdade ou não que o sujeito não pode chegar a pleitear porque o Outro, em vez e lugar no qual nós nos colocamos sempre, se nós temos que pleitear, para ele não se deve tocar? Em outros termos, o Outro, ele – e, no caso, é a mulher – o Outro não deve ser, em caso algum, castrado. Eu quero dizer que o Outro traz, nele mesmo, esse significante que tem todos os valores. E é bem aqui que deve-se considerar o falo – eu não sou o único. Leiam na página 272 da senhora Mélanie Klein⁷, no que diz respeito à evolução da menininha; ela diz muito bem que o significante falo, primitivamente, concentra sobre ele todas as tendências que o sujeito pôde ter em todos os estados, oral, anal, uretral, e que antes mesmo que possamos

⁷ KLEIN, M., “Le retentissement des premières situations anxiogènes sur le développement sexuel de la fille”, in *La Psychanalyse des enfants*, Paris, 1959, PUF, pp. 209-250.

11 de fevereiro de 1959

falar de genital, já o significante falo concentra todos os valores, e, especialmente, os valores pulsionais, as tendências agressivas que o sujeito pôde elaborar.

Está na medida em que o sujeito não pode colocar em jogo o significante falo, quando o significante falo permanece inerente ao Outro como tal, o próprio sujeito se encontra numa postura que é a postura em pane que nós vemos. Mas o que há de perfeitamente marcante é que aí, como em todos os casos onde nós nos encontramos em presença de uma resistência do sujeito, essa resistência é aquela do analista. Pois, de fato, se há alguma coisa que a senhora Ella Sharpe se interdita na ocasião, severamente – ela não se dá conta do porquê, mas é certo que ela o confessa como tal, que ela se proíbe disso – de pleitear. Nessa ocasião, quando justamente uma barreira é oferecida para ser ultrapassada, que ela poderia ultrapassar, ela se proíbe de ultrapassá-la. Ela recusa a isso, pois não se dá conta de que aquilo contra o que o sujeito se mantém à distância não é como ela o pensa, é alguma coisa que diria respeito a uma pretendida agressão paterna – o pai, ele, há muito tempo está morto, bem morto, e tivemos todos os cuidados do mundo para lhe dar uma pequena reanimação no interior da análise –, não é por incitar o sujeito a se servir do falo como de uma arma de que se trata, não é do seu conflito homossexual, não é que ele se tome por mais ou menos corajoso, agressivo na presença de pessoas que mangam dele no tênis porque ele não sabe dar o último *shot*.

Não é nem um pouco disso o de que se trata, ele está aquém desse momento em que deve consentir a se perceber que a mulher é castrada. Eu não digo que a mulher não tenha o falo, o que ele demonstra no seu fantasma do sonho perfeitamente irônico -, mas que o outro como tal, pelo próprio fato de que está no Outro da linguagem, é submetido a isso: no que é da mulher, ela é sem tê-lo. Ora, isso é justamente o que não pode ser admitido por ele, de modo algum. Para ele, ela não deve ser sem tê-lo, e é por isso que ele não quer que ela o arrisque de modo algum. Sua mulher está fora do jogo no sonho, não o esqueçam. Ela está aí sem, aparentemente, desempenhar nenhum papel. Não é nem mesmo sublinhado que ela olha. É aí, se assim posso dizer, que o falo é posto ao abrigo. O próprio sujeito nem mesmo tem de arriscá-lo, o falo, porque ele está inteirinho em jogo, num canto onde ninguém iria sonhar procurá-lo. O sujeito não chega a dizer que está na mulher, e, portanto, é bem na mulher que ele está. Eu quero dizer que é na medida em que Ella Sharpe está aí. Não é especialmente inoportuno que ela seja uma mulher. Isso poderia ser perfeitamente oportuno se ela se apercesse o que há a ser dito ao sujeito, a saber, que ela está lá como mulher, e que isso coloca questões, que o sujeito ousa, diante dela, defender sua causa. É precisamente o que ele não faz. É precisamente o que ela percebe que ele não faz, e é em torno disso que gira esse momento crítico da análise.

Nesse momento ela o incita a se servir do falo como de uma arma. Ela diz: esse falo é alguma coisa que sempre foi excessivamente perigoso, não tenha medo, é bem disso o de que se trata, ele é “*bring and biting*”. Não há nada no material que nos dê uma indicação do caráter agressivo do falo, e é, no entanto, nesse sentido que ela intervêm pela palavra. Eu não penso que isso seja a melhor coisa. Por quê? Porque a posição que tem o sujeito, e que segundo toda a aparência ele guardou, que guardará em todo caso, ainda mais, depois da intervenção da senhora Ella Sharpe, é aquela, justamente, que ele tinha em um momento de sua infância, que é bem aquela que nós tentamos precisar no fantasma das correias cortadas e de tudo o que se liga às identificações com a irmã e a ausência dos carrinhos de criança é alguma coisa que aparece (vocês o verão se vocês relerem bem atentamente suas associações), é uma coisa da qual ele está certo que tem a experiência: é ele amarrado, é ele “*pined up*” na sua cama. É ele enquanto certamente contido, mantido nas posições que

11 de fevereiro de 1959

não estão sem relação àquilo que nós podemos presumir, com alguma repressão da masturbação, em todo caso com alguma experiência que foi para ele amarrada em suas primeiras abordagens de emoções erógenas, e tudo deixa pensar terem sido traumáticas.

É nesse sentido que Ella Sharpe o interpreta. Tudo o que o sujeito produziu é alguma coisa que deve ter desempenhado um papel, diz ela, com alguma cena primitiva, com o cópula de seus pais. Essa cópula, sem nenhuma dúvida, ele a interrompeu, seja por gritos, seja por algum incômodo intestinal. É aí que ela encontra mesmo a prova dessa “**pequena cólica**” que substitui a tosse no momento de bater na porta, é uma confirmação de sua interpretação. Não é certo! O sujeito, que ele seja pequeno, ou enquanto alguma coisa se produz em eco como sintoma transitório ao longo da análise, solta o que ele tem no interior do corpo. É isso “**uma pequena cólica**”, não é por marcar a questão da função dessa incontinência. Essa incontinência, vocês o sabem, se reproduzirá ao nível uretral, sem nenhuma dúvida com uma função diferente. E eu já disse o quanto era importante notar o caráter em eco da presença dos pais consumando o ato sexual com todo tipo de manifestação de enurésia.

Aqui, sejamos prudentes, convém nem sempre dar uma finalidade unívoca àquilo que pode, de fato, ter certos efeitos, e ser em seguida utilizado secundariamente pelo sujeito como constituindo, de fato, uma intervenção inteira nas relações inter-parentais. Mas aí o sujeito, bem recentemente, isto é, numa época bastante aproximada desse sonho da análise, teve um fantasma muito especial, o qual, na ocasião, a senhora Ella Sharpe fez grande questão de confirmar a noção dessa relação com a conjunção parental: é que ele temeu, um dia, ter uma pequena pane com seu famoso carro, decididamente cada vez mais identificado à sua própria pessoa, e tê-lo atravessado na estrada onde deveria passar o casal real, nem mais nem menos! Como se ele estivesse aí para nos fazer eco no jogo de xadrez. Mas cada vez que vocês encontram o rei, pensem menos no pai do que no sujeito.

Seja como for, esse fantasma, essa pequena angústia que o sujeito manifesta: considerando se devia ele também ir a essa pequena reunião de inauguração onde o casal real... nós estamos em 1934, a coroa inglesa não é de uma rainha e de um pequeno marido, há sim um rei e uma rainha que vão se encontrar aí, bloqueados pelo carro do sujeito. O que nós devemos nos contentar pura e simplesmente, no caso, em dizer, é: eis alguma coisa que renova imaginariamente, fantasmaticamente, pura e simplesmente uma atitude agressiva do sujeito, uma atitude de rivalidade comparável, a rigor, àquela que podemos dar ao fato de molhar sua cama. Isso não é tão certo. Isso deve despertar em nós algum eco, é que o casal real não está numa condição qualquer: ele vai se encontrar em seu carro parado, exposto aos olhares.

Parece que aquilo de que se trata no caso é, no entanto, alguma coisa que está muito mais próxima dessa busca perdida do falo, curinga que não está em lugar nenhum e que se trata de encontrar, e do qual estamos bem certos que nunca encontraremos; é, a saber, que se esse sujeito está aí nesse capuz, nessa proteção construída desde tanto tempo em torno de seu eu [*m*] pela capota do carro, é também a possibilidade de se desvencilhar com um “*pin of speed*”, um “pico de velocidade”. O sujeito vai se encontrar na mesma posição que aquela em que outrora ouvimos ecoar o riso dos Olímpios: é o Vulcão que nos apanha sob redes comuns, Marte e Vênus. E cada um sabe que o riso dos deuses juntos, no caso, ressoa ainda nos nossos ouvidos e nos versos de Homero⁸.

⁸ HOMÈRE, *Illiade-Odyssée* Paris, 1955, La Pléiade, Gallimard, VIII, 266-305, p. 657.

11 de fevereiro de 1959

Onde está o falo? É ainda a mola maior do cômico – e, afinal de contas, não nos esqueçamos que esse fantasma é antes de tudo um fantasma em torno de uma noção de incongruência muito mais do que outra coisa. Ele concorda, do modo mais estreito, com essa mesma situação fundamental que é aquela que vai dar a unidade desse sonho e de tudo aquilo que está em volta, a saber, a de uma afânisis, não no sentido de “desaparecimento do desejo”, mas no sentido próprio que a palavra merece se nós fizermos o substantivo de *aphanisis*, que não é tanto “desaparecer” como “fazer desaparecer”.

Bem recentemente, o homem de talento; Raymond Queneau pôs em epígrafe, num livro muito bonito, *Zazie dans le métro* o *πλασας νφαπισεω*, “aquele que fez isso cuidadosamente dissimulou seus motivos”⁹.

É bem disso o de que se trata, afinal de contas. O *afânisis* de que se trata aqui é a dissimulação do objeto em questão, a saber, o falo. É na medida em que o falo não é posto em jogo, que o falo é reservado, que ele é preservado, que o sujeito não pode ter acesso ao mundo do Outro. E, vocês verão, não há nada mais neurotizante, não que o medo de perder o falo ou o medo da castração – é aí a mola fundamental – do que não querer que o Outro seja castrado.

⁹ “celui qui a fait cela a soigneusement dissimulé ses ressorts”.